Fonte: Folha de S. Paulo, 07/12/1985

Cortes são episódicos, afirma Lyra

Da Sucursal de Brasília

A censura às músicas "Vaca Profana", de Caetano Veloso, e "Só as Mães São Felizes", de Cazuza, ex-líder do grupo de rock Barão Vermelho, "é episódica", na opinião do ministro da Justiça, Fernando Lyra, 47. Lyra disse que discorda da censura a essas músicas, mas acha que é uma "questão de adaptação dos censores". Segundo ele, "ninguém educa um censor para ser liberal, porque ele foi educado para ser censor". No entanto, afirmou que deu ordens à Censura para se "liberalizar".

O ministro disse que a linha do Ministério é a da liberalização: "Só assim é possível tornar a Censura compatível com a abertura democrática", afirmou. Lyra diz que a solenidade no Teatro Casa Grande, no Rio, em que anunciou o "fim da censura", tornou irreversível o processo de liberalização. Para o ministro da Justiça, a censura "foi solidificada durante vinte anos de repressão. Até chegarmos ao equilíbrio, as coisas irão bem devagar". Esse equilíbrio, segundo ele, depende também do outro lado, do "fim dos exageros".

"Os excessos", disse Lyra, "foram cometidos especialmente no que se refere ao sexo, e já começamos a notar uma certa adaptação aos novos tempos".

Pornografia e entorpecentes

Lyra citou o exemplo dos filmes pornográficos, que no início da "liberalização' explodiram. Disse que dá para perceber que hoje "esses filmes perderam o atrativo". Ele citou o caso do filme "O Último Tango em Paris", de Bernardo Bertolucci, exibido no último dia 28 pela TV Bandeirantes (menos para São Paulo, onde um juiz conseguiu impedir que a fita fosse ao ar). "Anos atrás, quando foi lançado, escandalizou o mundo. Hoje está ultrapassado. Pode ser visto na televisão", disse.

A televisão é, na opinião do ministro da Justiça, o veículo mais delicado. "Ela invade as casas", disse Lyra. Mesmo assim, afirmou que "a família precisa começar a arbitrar sobre o que acontece dentro dos limites da sua residência e não deixar essa decisão para o Estado".

Segundo Lyra, na orientação que dá à Censura, apenas um tema deve ser tratado com todo rigor: os entorpecentes. "Toda menção que leve a supor o incentivo ao uso de drogas deve ser vetada", diz. E o caso da música "Blue Janis", de Angela Ro Ro, "que o Conselho Federal de Censura manteve sua proibição para radiodifusão porque toca no assunto 'heroína'", disse o ministro.

"Je Vous Salue"

Fernando Lyra disse ainda que "não há ordem superior para impedir a liberação do filme 'Je Vous Salue Marie'", do cineasta francês Jean-Luc Godard. Segundo Lyra, o que existe "é a força da Igreja, que é muito grande, e o direito que o ministro tem de avocar o processo e rever decisões de Conselho Superior de Censura".

Afirmou também que essa força não estará mais vinculada a ele no momento em que o filme for submetido à apreciação da Censura. "Tomara que eu não esteja mais aqui", disse. Segundo o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, dom Afonso Gregori, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) "pressionou o presidente José Sarney a impedir a exibição do filme de Godard, durante reunião ocorrida há mais de mês".

O porta-voz do Palácio do Planalto, Fernando César Mesquita, disse ontem à **Folha** que não desmente "as notícias divulgadas até agora, segundo as quais teria havido pressão da CNBB para que o presidente José Sarney determinasse a Fernando Lyra que impedisse a exibição do filme 'Je Vous Salue Marie' no Brasil".

"Je Vous Salue Marie" foi retirado do 2º Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro (FestRio), encerrado no último domingo. A responsabilidade dessa decisão foi assumida por Wilton Figueiredo, proprietário da Alvorada-Gaumont, empresa que detém os direitos de distribuição da fita. No último dia 27, a fita foi exibida numa sessão especial para convidados no Hotel Meredien, em Copacabana (zona sul do Rio de Janeiro), a pedido do embaixador da França, Bernard Dorin, que solicitou uma cópia à Alvorada-Gaumont. Em vários países, como a Argentina, por exemplo, o filme tem provocado polêmica, com diversas segmentos da sociedade procurando impedir sua exibição. O filme de Godard, que se passa na atualidade, faz alusões à vida da Virgem Maria.

Leia em **Primeira Leitura** o depoimento que Jean-Luc Godard prestou na Cinemateca Francesa no final de novembro.

Um bom tema para a Constituinte

LUÍS FRANCISCO CARVALHO Fº
Da equipe de articulistas da **Folha**

O episódio "Je Vous Salue Marie" induz algumas reflexões de natureza jurídica.

A primeira é justamente sobre a impermeabilidade do Vaticano em assimilar contribuições da ideologia liberal, tão viva no pensamento político moderno. O direito canônico é o instrumento, com vigência no interior da instituição, de preservação de valores considerados intocáveis. "Interna corporis" não se admite a liberdade de manifestação e imprensa. A divergência é intolerável. O caso Boff é ilustração disso tudo.

O grave é quando se procura impor ao Estado e ao corpo social obediência a tais mecanismos, ferindo princípios básicos de cidadania.

Surge o "jeitinho" brasileiro. O filme não foi oficialmente submetido à censura e provavelmente a sua mostra sofrerá restrições. Como? A CNBB faz pressão política sobre a Presidência da República, que, para não arcar com o ônus do veto, transfere a decisão para a iniciativa privada: o distribuidor perde o interesse pela obra.

São dois os conflitos que se apresentam. O primeiro é individualizado. Godard corre o risco de não ver o seu trabalho entrar em circuito comercial, muito embora pareça óbvio que em um contrato desse tipo a exibição do filme esteja implícita. É uma demonstração da fragilidade das relações jurídicas no Brasil, lembrando os exemplos clássicos da Joaquim Falcão (Direito e Cultura): "...faz com que o empregado ganhe a reclamação judicial pelas horas extraordináriass que não recebeu, mas perca o emprego; que o empresário ganhe o mandado de segurança contra o Ministro da Fazenda, mas perca o crédito no banco oficial; que a imprensa assegure sua liberdade de denunciar, mas perca o anúncio que lhe permite continuar". No caso, o artista tem garantido o direito de exibir a sua obra, mas o distribuidor não a submete ao crivo do órgão competente. É a censura sorrateira.

Aparece o segundo conflito, agora coletivo. Como enfrentar o pretenso monopólio da Igreja Católica de usar valores sociais como objeto de reflexão pública e poesia? Cristãos ou ateus, não podemos assistir "Je Vous Salue Marie"? O interesse é difuso e indeterminado, não existindo mecanismo de defesa para a sociedade. Só o protesto. Um tema para a Constituinte.

A Igreja inglesa condena cartões com Virgem Maria

Das Agências Internacionais

Como já havia ocorrido às vésperas do Natal do ano passado, esse ano também se instaura, na Inglaterra, uma polêmica em torno da legitimidade ou não de cartões natalinos com conteúdo pornográfico. A polêmica, este ano, está centrada na denúncia do bispo da Igreja da Inglaterra Derrick Childs contra a editora londrina Emotional Rescue (Resgate Emocional, título de uma música dos Rolling Stones). A editora, este ano, publicou um cartão em que aparecem a Virgem Maria e o arcanjo Gabriel nus na cama, este perguntando àquela: "A que horas José volta de seu curso de carpintaria?" No Natal passado, a mesma editora causou celeuma ao publicar um cartão com uma das renas do trenó de Papai Noel em posição comprometedora. Hilary Sponner, representante da editora, declarou que esta não pensa em tirar de circulação o cartão e, embora admitindo que ele seja de mau gosto, acrescentou que, se há pessoas a quem ele não agrada, não precisam comprá-lo.